

A crônica esportiva de José Lins do Rego: política, paixão e relações de força

CDD. 20.ed. 869.909
796.33

<http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092016000200323>

André Mendes CAPRARO*

Natasha SANTOS*

Fernando Renato CAVICHIOCCI*

Fernando Marinho MEZZADRI*

*Centro de Ciências
Biológicas, Universida-
de Federal do Paraná,
Curitiba, PR, Brasil.

Resumo

Além do envolvimento com o futebol, outra característica típica da crônica de José Lins do Rego foi o diálogo (ou debates) com o círculo intelectual no qual estava inserido. As influências de Gilberto Freyre e Mário Filho foram as mais sensíveis, mas não foram poucos os seus interlocutores. Desta forma, perspectiva-se compreender o posicionamento de José Lins do Rego em suas crônicas esportivas, sem perder de vista esta interdependência estabelecida pela intelectualidade brasileira. Em caráter conclusivo, constatou-se que as crônicas de José Lins, permeadas pela racionalidade e pela paixão, exerceram funções múltiplas em se tratando do convívio com a intelectualidade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: José Lins do Rego; Literatura brasileira; Futebol; Identidade nacional.

Introdução

Pensando uma rede de interdependências¹⁻² colocada entre a literatura e o futebol das décadas de 40 e 50, o objetivo do presente texto está em compreender o posicionamento de José Lins do Rego em suas crônicas esportivas, sem perder de vista esta interdependência, estabelecida pela intelectualidade brasileira, especificamente aquela que agrupava os indivíduos do segmento artístico/literário que debatia acerca do futebol como elemento identitário - composta por nomes como Gilberto Freyre, Mário Rodrigues Filho, José Lins do Rego, Nelson Rodrigues, Graciliano Ramos, Gilberto Amado, Coelho Netto e Lima Barreto².

A relevância e, portanto, o avanço que o presente artigo sugere, não está em discutir diretamente o papel da literatura no meio esportivo - objeto este já verificado em algumas teses, dissertações e artigos²⁻⁵ -, mas tratar especificamente da crônica de José Lins do Rego.

Por que José Lins? Porque, tal como nos aponta CAPRARO², havia na primeira metade do século XX, um grupo de intelectuais que, mais do que tratar da prática do futebol em território brasileiro (o qual estava mais centrado no eixo Rio-São Paulo), utilizavam-se do esporte enquanto mote para tratar de outro assunto: um ideal de identidade nacional.

Ora, José Lins fez parte desse grupo e, diferentemente dos demais intelectuais, envolveu-se com a política dos clubes de futebol, o que o torna um personagem com grande vantagem no jogo das disputas de poder¹ - elemento que possivelmente tenha se refletido em suas crônicas, juntamente com a relação de poder mantida com outros intelectuais. Nesse mesmo sentido, optou-se por centrar a análise na crônica, pelo fato de esta, enquanto um gênero da literatura de forte vínculo com os jornais, se estabelecer como um local profícuo para a disseminação de teses sociais.

Pois bem. José Lins do Rego Cavalcanti nasceu em junho de 1901, no pequeno município de Pilar, interior do Estado da Paraíba, mais especificamente em uma casa-grande, no *Engenho Corredor*, de propriedade do seu avô materno (p.71-6)⁶.

Mais tarde, já residindo em Pernambuco, optou por se matricular no curso de Direito da Faculdade de Recife, tornando-se bacharel logo no início da década de 20, ainda na juventude. Nessa mesma época, começou a trabalhar como colaborador do "Diário de Recife" e foi um dos fundadores do semanário "Dom Casmurro"⁷. Esporadicamente, o esporte começava a despertar sua atenção, sendo tema de algumas de

suas crônicas, entretanto o futebol não era um dos seus assuntos prediletos (p.11)⁸. Conheceu, nessa mesma época, aquele que seria seu grande mentor intelectual, Gilberto Freyre que, também no auge da juventude, retornava dos Estados Unidos, onde havia recém-concluído seus estudos universitários.

Em 1932, José Lins do Rego publicou seu primeiro romance, “Menino do Engenho”, obra em que os preceitos do regionalismo³ são visíveis (p.397)⁹. O sucesso da primeira obra possibilitou que o literato lançasse outras obras sequencialmente nos próximos anos: “Doidinho” (1933) e “Bangüê” (1934) - uma espécie de trilogia, cujas ideias remetiam à soma da teoria de Freyre e às reminiscências de infância do próprio Rego^b.

Em 1935, José Lins resolve aceitar o trabalho de fiscal do imposto do consumo da cidade do Rio de Janeiro. Já estava maduro (tinha na época 34 anos) e sabia que a Capital Federal era o local mais apropriado para continuidade da carreira de escritor. Mudou-se, então, definitivamente para o Rio de Janeiro, de onde não sairia até a sua morte, em 1957 - chegando ao ápice literário em 1955, quando eleito membro da Academia Brasileira de Letras⁶.

Sua iniciativa foi bem sucedida, pois, como já era um literato conhecido, foi bem acolhido. Nessa mudança para o Rio de Janeiro, além de reforçar uma sólida relação com uma casa editorial, a José Olympio^c, o literato nordestino ampliou o círculo de relacionamentos, convivendo com literatos, teatrólogos, cineastas e artistas em geral, entre eles, os irmãos Mário e Nelson Rodrigues.

Sem perder contato com os seus conterrâneos do Movimento Regionalista, em especial com Gilberto Freyre, com o qual mantinha uma íntima amizade, José Lins do Rego se envolveria radicalmente com um fenômeno típico das metrópoles, o esporte; e, de forma apaixonada, com um em especial: o futebol (p.19-20)⁸. Essa paixão pelo futebol se explicitaria a partir de 1939 - quando José Lins do Rego se filiou ao Clube de Regatas Flamengo - quando já contava 38 anos de idade.

Método

Na tentativa de responder ao questionamento supracitado, foram selecionadas crônicas de José Lins do Rego, publicadas entre as décadas de 40 e 50 no *Jornal dos Sports*. A escolha por este período específico se deu não apenas por se tratar do momento em que José Lins mais produziu acerca do futebol - produção esta que culminou com a publicação de coletâneas

Acredita-se que a primeira vez que o esporte chamou a atenção do literato regionalista tenha sido durante a Copa do Mundo da Itália, em 1938 (p.50)¹⁰ (p.28)¹¹. No Brasil, era a primeira transmissão radiofônica do torneio mundial, e a população acompanhava atentamente pelo aparelho o desempenho do selecionado¹².

Se o futebol demorou a despertar o interesse de José Lins, a sua aderência e engajamento em relação àquele, em contrapartida, foram súbitos: de sócio do Flamengo a cronista esportivo; de cronista a dirigente; tudo em alguns poucos anos.

José Lins do Rego morreu em 1957, apenas um ano antes de o Brasil se sagrar pela primeira vez Campeão Mundial. Lembrando que o envolvimento com o esporte foi tardio, sua produção foi considerável: foram 1571 crônicas esportivas publicadas, somente no *Jornal dos Sports* (p.20-1)⁸. Reincidem, nessa produção, algumas temáticas, como a ligação entre a política e o futebol, mas, sobretudo, dois temas em especial: o diálogo com seu círculo intelectual, especialmente com Gilberto Freyre e Mario Rodrigues Filho; e a constante demonstração de afeto em relação ao Clube de Regatas Flamengo.

Mas, se José Lins do Rego era o literato mais caracterizado como torcedor, pois assumia sem receio sua paixão pelo Clube de Regatas Flamengo, havia outro que, se não expunha tamanho envolvimento com um clube de futebol, demonstrava ser o mais engajado no desenvolvimento do esporte no Brasil. Tratava-se de Mário Rodrigues Filho, cronista esportivo e proprietário do *Jornal dos Sports*, que foi o responsável por introduzir definitivamente seu conterrâneo Zé Lins no meio literário/jornalístico ligado ao esporte.

Nesse sentido, pensando o meio intelectual que discutia as relações identitárias presentes no futebol, questiona-se: com base nesse vínculo interdependente, quais as principais características da sua produção? Que funções desempenhavam as crônicas de José Lins nesse grupo de intelectuais pelo qual circulava?

como “O Flamengo é puro amor” e “O Cravo de Mozart” -; como também por se tratar de uma ocasião discursivamente marcada pelos ideais de identidade brasileira promulgadas pelo futebol.

Para a análise dessas crônicas, respaldou-se no referencial teórico de Norbert ELIAS¹, no que se refere à perspectiva de poder nas relações interdependentes.

Para Elias, à medida que as sociedades se tornaram mais complexas, buscaram-se novas formas de relação interpessoal, as quais passariam a consistir em ligações simbólicas e emocionais. São essas novas formas de se ligar a outras pessoas, por meio de uma teia que se respalda no simbolismo das relações de poder, que se compreende neste artigo a rede de interdependência, da qual fazia parte José Lins do Rego.

Nesse sentido, parte-se da hipótese de que Zé Lins tentava fundir nas suas crônicas os aspectos da literatura, definidos por Antonio CANDIDO¹³ como texto e contexto. Acreditando que a crônica era um espaço jornalístico e, dessa forma, tentando manter um relativo compromisso com a investigação - ao mesmo tempo em que sua avassaladora paixão pelo Flamengo acabava tornando seus textos extremamente tendenciosos, somado ao fato de que teve participação ativa como dirigente esportivo -, o literato era o mais contundente exemplo da fusão dos elementos extrínsecos (o meio futebolístico) e intrínsecos (a forma como escolhia seus conteúdos, a característica da sua narrativa e a estética literária).

Prova é que, na sua primeira tentativa de mudar o contexto literário dos seus romances, saindo da região interiorana do Nordeste rumo ao espaço urbano, usou o futebol como um dos elementos de transição. Ambientação esta materializada através do personagem Joca, um menino que trabalhava como estivador no agreste e foi tentar a sorte nos clubes de futebol do Rio de Janeiro.

A partir de tal exemplo, cabe reforçar que a metodologia de análise das crônicas selecionadas se refere ao amálgama entre texto e contexto estabelecidos por Antonio CANDIDO¹³. Para Candido, toda produção literária é dotada de um fator intrínseco (texto) e outro

extrínseco (contexto). Os fatores extrínsecos à obra, isto é, a posição social de onde fala o autor, bem como as características da sociedade em que está inserido, acabam por se tornar intrínsecos à obra, como que mesclados com os elementos de arte - a ficção. Metodologicamente falando, foi este o enfoque da presente pesquisa: buscar as interferências desses elementos contextuais ora amalgamados à ficção presente na crônica.

Candido aponta para uma fusão entre texto (estética literária e a autonomia do autor) e contexto (elementos históricos e sociais) como a constituinte da obra literária, cabendo ao pesquisador, portanto, compreender como o contexto social - bem como os aspectos biográficos do escritor - se manifesta nas obras. Assim, quanto à literatura e à vida social, cabe, ainda, considerar a inter-relação entre a posição do artista, a configuração da obra e o público¹³. A posição do autor aparece como parte da estrutura da sociedade e, sendo assim, cabe verificar o papel que aquele ocupa nesta. Este papel irá interferir diretamente na configuração da obra, a qual depende do artista e da sua posição social - sabendo que os valores e ideologias do autor (por exemplo) terão atribuições fundamentais no conteúdo do texto a ser analisado. E, além disso, do mesmo modo que os elementos supracitados, o receptor da obra (sobretudo literária) sofre influências sociais e dá sentido a esta, ligando-a ao seu próprio autor. Isto é, a produção literária não existe apenas em si ou por si, estando sujeita a interferências do meio no qual o autor se insere e, conseqüentemente, a influências pessoais deste.

Tendo em vista, portanto, a importância dos elementos contextuais à análise das referidas fontes, cabe aqui retomar aspectos da inserção de José Lins no meio intelectual/literário.

Resultados

O futebol

Em março de 1945, a capa do *Jornal dos Sports*, cujo proprietário era Mário Filho, noticiava com entusiasmo que, a partir daquela data, o periódico contaria com um renomado colaborador: o celebrado José Lins do Rego. Este iria escrever uma coluna com o título geral de "Esporte e Vida". Não seria a primeira vez que Zé Lins escreveria sobre o esporte, pois, esporadicamente, o autor de "Fogo Morto" tratava do tema em suas crônicas sociais e também tinha exercido o ofício de cronista esportivo por um curto período de tempo (p.143-4)⁸.

Seu círculo de relacionamento sempre foi explícito nas suas crônicas. E destacavam-se duas pessoas em especial: Gilberto Freyre - amigo pessoal que foi o principal influenciador do pensamento de Zé Lins - e Mário Filho - considerado pelo autor o principal especialista em futebol. Na primeira crônica diária no *Jornal dos Sports*, por exemplo, explicitava o autor: "Não quis Mário Filho que encerrasse a minha carreira na crônica esportiva e me chamou para o convívio do seu jornal. Confesso que já começava a sentir saudades da coluna que me dera tantos trabalhos e tantas alegrias" (p.27)^{8, d}.

Dando indícios de que já havia escrito anteriormente crônicas sobre futebol, Zé Lins demonstrava certa perplexidade, porém, com o apreço da paixão presente na prática futebolística. Conhecia o seu interlocutor e, de antemão, adiantava que o leitor de crônica não tinha a mesma sofisticação e polidez do leitor de romance. Mesmo assim, como afirmado, atendeu prontamente ao convite do seu amigo Mário Filho. Era mais uma prova do rápido e intenso envolvimento do literato para com o esporte que se popularizava no Brasil (p.47-122)¹⁰.

Mas a paixão de José Lins do Rego pelo futebol oscilava regularmente. Em especial, um assunto fazia com que José Lins recrudescesse: a violência (não só a física, como também a verbal e a moral). Geralmente, o escritor tentava racionalizar, criticando qualquer ato que considerasse imponderado, fosse ele cometido por torcedores, dirigentes ou jogadores.

O literato regularmente associava o futebol à civilidade. Dessa forma, mesmo pertencendo a um movimento literário/intelectual revolucionário - o Regionalismo Nordeste -, Rego via no futebol um elemento de integração racial, portanto formador da identidade brasileira (que tinha sua origem na cultura nordestina das casas-grandes/sobrados e senzalas/mocambos).

Reforçando a ideia, Fátima Antunes constatou que... “É curioso notar como Zé Lins associava constantemente a esportividade à civilidade, hábitos sociais de autocontrole das emoções nascidos de um mesmo processo civilizador (...)” (p.72)¹⁰.

A condição de cronista diretamente envolvido com o futebol, fez com que o escritor constantemente tivesse que debater de maneira acirrada com a imprensa, inclusive com alguns literatos renomados, sobre as suas atitudes políticas e ideológicas em relação ao futebol.

Zé Lins era um patriota convicto, assim, ofensas à pátria brasileira, atitudes ou manifestações de racismo ou entrechoques dos estados do país por causa do futebol, incomodavam o autor de “Menino do Engenho”, que nunca deixou de refletir sobre o assunto - “[...] em momento de uma solenidade, quando hasteavam, no estádio do River Plate, de Buenos Aires, o pavilhão brasileiro. Houve, por parte de um público das gerais, um desrespeito à nossa querida e gloriosa bandeira” (p.33)^{8,f}.

Era o limite máximo que autor permitia ao irracionalismo, que permeava a prática dos esportes e, com mais ênfase, a do futebol. Mas, não era somente a atitude de parcela da torcida argentina que incomodava Zé Lins. A própria manifestação de alguns brasileiros em relação ao ocorrido também

despertou a sua cólera literária, manifestada da seguinte forma:

Todos nós sabemos o que é uma torcida apaixonada, a massa aglomerada e conduzida sem paixão. Comete desvarios e vai até as mais cruéis injustiças. Tudo isso nós sabemos, agora, pretender transformar um gesto de grosseria em movimento de pátria ofendida é exorbitar do sentido normal das coisas, e apelar para o absurdo (p.48)⁸.

A crítica aos brasileiros que exigiam uma retratação do governo argentino era especialmente dirigida a um segmento da imprensa, aquele que tinha propagado essa ideia. Como Zé Lins sempre estivera envolvido com o futebol, exercendo cargos diretivos, tinha uma posição mais diplomática do que a imprensa em geral. Tinha acesso, também, aos bastidores do esporte, o que possibilitava que fizesse análises mais sofisticadas, geralmente ponderando a complexidade dos acontecimentos e não fazendo a interpretação sem maiores detalhes (erro que considerava corriqueiro na imprensa esportiva daquela época).

Nessa condição de analista e indivíduo engajado no processo de desenvolvimento do futebol, não é de se estranhar que um assunto secundário sempre estivesse presente nas suas crônicas: a política. Constantemente, o autor se envolvia em alguma discussão sobre política, fosse ela pública, nacional, internacional ou mesmo interna do Flamengo. E esse posicionamento político custaria caro à carreira esportiva do literato, sobretudo tendo em vista a perspectiva de uma luta de poder no âmbito jornalístico - e também no esportivo.

Futebol e política na crônica esportiva

Em uma crônica escrita no *Jornal dos Sports*, no dia 19 de abril de 1945, apenas três meses após reiniciar a carreira de cronista esportivo, José Lins já fazia seu primeiro texto interligando futebol e política. Tratava-se do caso da anistia dada por Getúlio Vargas, no findar do Estado Novo (decreto-lei que possibilitou a saída de Luís Carlos Prestes da prisão). Enaltecia o escritor que... “O Sr. Presidente da República acaba de lançar um decreto de anistia [...]. Atos como esse honram e dignificam a nossa formação social” (p.30)^{8,g}. Prosseguiu, fazendo uma associação direta com o futebol - “[...] eu convocaria todas as entidades, todos os clubes, todos os órgãos de direção a imitar o gesto nacional do governo, e que, pelas suas diretorias e assembléias, decretassem também uma anistia ampla e irrestrita a todos os desportistas sujeitos a penalidades” (p.30)⁸.

Visivelmente, o futebol, nessa crônica, era apenas pretexto. Na época, não era uma prática comum a punição de atletas. Como não existia ainda o exame “antidoping”, os poucos casos existentes eram por causa dos rompimentos de contratos. Era o primórdio do profissionalismo, um momento histórico conturbado, de sérias dificuldades para os atletas, entretanto, Zé Lins, como diretor de clube, tinha conhecimento suficiente para escrever sobre o assunto com mais profundidade. O tema, definitivamente, era a política e Zé Lins tinha à sua disposição um espaço relativamente pouco fiscalizado pelos censores¹⁴, já que o jornalismo esportivo, aparentemente, tinha pouca relação com o engajamento político. Mesmo sendo pouco fiscalizado, pode-se deduzir que a linha editorial do *Jornal dos Sports*, chefiada por Mario Filho, era, ao menos, tolerante em relação às críticas políticas, pois é pouco provável que tal crônica fosse permitida em um jornal que apoiasse o governo Vargas.

Como intelectual participante de um movimento literário engajado no nordeste e, no Rio de Janeiro, filiado ao grupo denominado Esquerda Democrática, José Lins do Rego tinha sérias divergências em relação ao governo Vargas⁶. O detalhe sutil na crônica, como bem notado por Marcos de Castro, nas notas da coletânea de crônicas de REGO⁸, é que o nome de Vargas sequer é citado pelo literato. Além disso, fica explícito na crônica que a concessão se dava mais pela mobilização popular descontente com as restrições políticas impostas, do que propriamente por uma iniciativa altruísta do governo.

A crítica ao poder oficial tinha que ser branda, pois na época o escritor exercia o cargo de diretor do Conselho Nacional de Desportos, nomeado pelo Ministro da Educação, Gustavo Capanema, tendo sido apresentado a este pelo prestigiado poeta Carlos Drummond de Andrade, que exercia o posto de Chefe de Gabinete⁸. José Lins do Rego, então - como exercia um cargo de confiança numa repartição pública, mesmo em discordância com o rigor antidemocrático e controlador do Estado Novo -, tentava nas suas crônicas estabelecer um “diálogo” ponderado, em se tratando de políticas públicas: algumas vezes elogiando, outras criticando sutilmente e de forma construtiva^h.

Mesmo estando o debate político nacional presente regularmente nas crônicas de José Lins do Rego, a ênfase maior sempre foi em relação à política regional e à política interna do próprio Flamengo. Observador atento das condições da cidade na qual havia se estabelecido, o Rio de Janeiro, o autor de usava de suas crônicas para questionar o

gerenciamento municipal. Em uma dessas crônicas-manifesto, o escritor mal relata que estava indo assistir ao treino do Flamengo e desanda a criticar a prefeitura da cidade.

Mas, em vez de lindíssimas borboletasⁱ, o cronista foi encontrando soturnos urubus, a passearem, a passo banzeiro, por cima do lixo, das imundices, dos animais mortos, de toda a podridão que a prefeitura vai deixando ali, por detrás dos muros do Jôquei Clube. Fedia tanto o caminho que o pobre cronista, homem de noventa quilos, teve de correr para fugir o mais depressa possível daquele cenário nauseabundo (p.34)^{9,j}.

A crônica é deliberadamente iniciada na primeira pessoa do singular - “Fui hoje pela manhã [...]” (p.34)⁸ - e reverte subitamente para terceira pessoa do singular, estrutura verbal de uso comum entre os jogadores na época. É provável que estivesse tentando atenuar as críticas ou não passar a impressão de que era um ataque direto à gestão municipal.

Os ataques mais ferrenhos eram sempre contra aqueles que se punham contrários aos interesses do Flamengo. Como no caso do rival Vasco da Gama, que tinha como presidente Ciro Aranha, irmão de Oswaldo Aranha que, por sua vez, era um dos principais ministros e amigo pessoal de Getúlio Vargas. Ou seja, o clube cruzmaltino contava com um importante apoio político que lhe rendia títulos - “Só o Vasco existe e Ciro Aranha é o seu profeta” (p.58)^{8,k}.

Sempre aproximando a política do futebol, Zé Lins via até nas eleições para Presidente da República uma possibilidade para discussão acerca do apoio aos candidatos e dos projetos do Flamengo. Em certa crônica, tentou evidenciar o caráter democrático do Clube de Regatas Flamengo, esclarecendo:

Pergunta-me um amigo por que todo Flamengo é pela candidatura de Dutra. E eu lhe respondi que não era verdade. O Flamengo não tem candidato, não aconselha candidato, não se compromete com candidato algum. [...] Cada flamengo age e pensa pela sua cabeça, pela sua simpatia, pelos seus impulsos (p.45)^{8,l}.

Mesmo tentando demonstrar que o Clube oficialmente não apoiaria nenhum candidato à presidência, Zé Lins não omite sua opinião, inclusive sendo bastante ostensivo ao afirmar que... “Apesar de nada ser no Flamengo, apesar de simples torcida, estou com o Brigadeiro. E aconselho a sua candidatura como a presidente como a salvação nacional” (p.45)⁸.

Como afirma Marcos Castro, nas notas da coletânea “O Flamengo é puro Amor”⁸, Zé Lins pertenceu à Esquerda Democrática, apoiando abertamente o

candidato da União Democrática Nacional (UDN), o brigadeiro Eduardo Gomes. Mas este acabou sendo derrotado pelo candidato getulista, o general Eurico Gaspar Dutra¹⁴.

A vitória de Dutra acabou sendo benéfica ao Flamengo, pois o presidente do Clube tinha um contato bastante sólido com o novo Presidente da República. Dessa forma, algumas questões internas passaram a contar com o apoio do Governo Federal. Assim, alguns meses depois, Zé Lins afirmava em uma crônica que... “Pode o Sr. General Dutra ficar certo que o seu ato, que facilitou ao Flamengo e a outros clubes a construção de praças de esportes, veio ao encontro do povo” (p.64)^{8,m}.

José Lins do Rego ainda iria escrever (e lutar) muito pelo financiamento federal para construção de um estádio para o clube da sua predileção. Nessas crônicas, seus interlocutores diretos eram sempre os políticos que poderiam ajudar o clube - especialmente o Presidente da República, o general Eurico Gaspar Dutra. Explorando a popularidade do Flamengo, envolvido pela paixão em relação à agremiação, Zé Lins, como bem analisado por ANTUNES¹⁰, formula uma nova concepção de nação, a nação esportiva. Nesse novo conceito, a referência não poderia deixar de ser o Flamengo¹⁵: “Porque não há clube que mais seja de todo o Brasil, verdadeiramente da nação, do que o Flamengo” (p.64)⁸.

Então, se na concepção do autor, os clubes de futebol e suas respectivas torcidas podiam ser entendidos como nações, entre as quais o Flamengo era um símbolo, não era de se estranhar que a relação entre futebol e política se tornasse um conteúdo recorrente nos seus textos - mesmo que esta relação parecesse algumas vezes bastante forçada. Os casos foram variados: contrariando um vereador que acusava o Flamengo de ser um clube racista (p.92)^{8,n}; associando sutilmente a renitência do América Football Club ao advogado Sobral Pinto, que defendeu com afincos presos políticos durante o regime ditatorial de Vargas (p.93)^{8,o}; cobrando o término da construção do estádio Municipal do Rio de Janeiro^p - o popularmente chamado *Maracanã*, posteriormente rebatizado de estádio Municipal Mário Filho (p.128)^{8,q}; ou criticando e combatendo, por sinal prematuramente, a lei do passe, chamando um empresário de “explorador do novo tráfico de brancos” (p.137)^{8,r}.

Conclui-se que o envolvimento e o engajamento do escritor, conseqüentemente, fizeram, algumas vezes, com que seus breves textos tivessem que ser polarizados, sendo assim, direcionados a acirrados debates tanto em relação à política - municipal, estadual, esportiva, clubística - quanto em relação à ideia do que representava o futebol no país.

Por outro lado, em outras circunstâncias, por causa do exercício de cargos políticos - secretário-geral do Flamengo, conselheiro do CND e diretor da CBD -, alguns problemas internos, obviamente de conhecimento do escritor, não foram explicitados em suas crônicas¹⁰. Um dos casos analisados na tese de Fátima Antunes foi a dificuldade de organização para sediar a Copa do Mundo de 1950, especificamente o atraso na construção do estádio do Maracanã. Segundo a autora... “José Lins do Rego estaria acompanhando de perto esses problemas, mas nenhum deles era mencionado em suas crônicas, que transbordavam apenas orgulho e ufania” (p.79)¹⁰. Esse “silêncio” de Zé Lins em relação aos problemas gerenciais pode ser entendido como aquilo que é definido por Eni Orlandi como “esquecimento ideológico” (p.35)¹⁶.

Por ser o chefe da delegação brasileira que disputou e perdeu o Sul-Americano do Peru, em 1953, Zé Lins sofreu severas críticas da imprensa nacional, devido aos inúmeros incidentes ocorridos durante o campeonato: brigas internas, condutas antidesportivas em campo, ordens truncadas, etc. Frustrado, o literato resolveu se afastar dos cargos diretivos relacionados ao esporte, permanecendo somente como cronista esportivo.

Dessa forma, nos seus quatro últimos anos de vida, alterou sensivelmente o conteúdo de suas crônicas, tornando-se mais crítico, mais distante e mais ponderado, em se tratando da seleção brasileira ou mesmo do Flamengo (p.101-18)¹⁰.

A paixão pelo Flamengo

Desde o seu primeiro texto no *Jornal dos Sports*, Zé Lins já demonstrava notar que a crônica esportiva tinha diferentes características, se comparada a outros estilos literários e jornalísticos. Conseqüentemente, conhecia muito bem o seu leitor: populares que buscavam informações específicas sobre um assunto, o esporte, sendo que este havia se massificado, despertando a atenção, principalmente, dos agrupamentos populacionais menos abastados¹⁷.

Tendo a noção de que o público leitor, na sua maioria, não era o mesmo que lia suas obras literárias, alterou drasticamente seu estilo. Suas crônicas eram simples, com frases curtas e diretas. Sua estilística consistia no uso de um vocabulário apropriado à popularidade da prática futebolística, porém, mesmo que atenuada, era nítida a erudição do autor, reiterando a condição de José Lins do Rego como um dos romancistas mais reconhecidos na sua época.

Agora, cabe ressaltar que, paradoxalmente, Zé Lins tinha uma concepção de crônica ainda presa

ao compromisso do jornalismo com a verdade, enquanto manifestava um declarado pertencimento clubístico em relação ao Flamengo - clube em que chegou até a exercer a função de diretor.

Essa dicotomia, explicitada pelo próprio autor na sua primeira crônica diária no *Jornal dos Sports*, permearia toda sua produção como cronista. Volta e meia, no decorrer do seu ofício de cronista esportivo, seriam notadas sátiras, deboches e provocações em relação às equipes adversárias.

Sempre reiterando sua condição de isento, José Lins afirmava que era a função do cronista tornar a narrativa esportiva mais literária, mas, sobretudo, relatar somente a verdade, pautada nos fatos investigados e ponderados. Nota-se que, sutilmente, predominava, nas suas crônicas (é provável que, até de modo inconsciente, pois o escritor era um opositor do regime ditatorial varguista), certo ideal repressor e autoritário, típico do Estado Novo (p.11-36)¹⁸. Além do controle sobre a produção intelectual, pode-se observar a função “educativa” (na verdade controladora e repressora), quase como uma obrigação nas suas crônicas (p.149-228)¹⁹.

Discussão

As relações de força

Se pensada a totalidade da sua vasta produção, Gilberto Freyre não se dedicou com afinco ao futebol. Não foram poucas as circunstâncias em que afirmou não ser um profundo conhecedor do assunto. Em contrapartida, relacionava-se com um círculo de intelectuais considerável (quase todos fieis às suas teorias) e vislumbrava a possibilidade de que este esporte reforçasse a sua concepção teórica sobre o Brasil em dois aspectos: “[...] na transição da fase predominantemente rural para a predominantemente urbana [a teoria explícita em “Sobrados & Mocambos”]. Além disso, [...] nos põem diante do conflito entre estas duas forças imensas - a racionalidade e a irracionalidade [...]” (p.24)²¹.

Freyre também foi um jovem ambicioso: além de tentar criar um modelo que explicasse o Brasil, objetivava romper com os movimentos intelectuais quase sempre emergidos na região sul-sudeste¹¹.

No caso específico de Zé Lins, a influência transcendia os limites intelectuais, consolidando uma sólida amizade (p.49-63)²². Mas a relação de força²³⁻²⁴ entre eles, embora com sensíveis laços afetivos, não era equilibrada. Embora tivessem idades muito próximas,

Mas não era tão comum nas crônicas de José Lins do Rego essa perspectiva ampla na escala de análise²⁰. Muito pelo contrário, dentre os cronistas de destaque, indiferentemente à época, é provável que tenha sido o mais tendencioso e envolvido com o tema. Sua crônica era a exibição da paixão exacerbada do escritor em relação ao esporte em geral, ao futebol e, a mais avassaladora, ao Flamengo.

Suas crônicas, então, eram manifestações de uma literatura envolvida com o objeto, nas quais o autor faz a voz do torcedor, estabelecendo um diálogo com outros aficionados pelo esporte, evidentemente alguns em concordância com o seu texto - no caso os torcedores flamenguistas - e outros em desavença - principalmente, os torcedores das equipes cariocas rivais. A postura literária de José Lins do Rego era um indicativo de que Mário Filho, proprietário e redator-chefe do *Jornal dos Sports*, dava completa liberdade estilística aos cronistas que trabalhavam no periódico, pois o próprio Mário tinha um estilo bem diferente ao escrever suas crônicas. Mas quais seriam os diálogos artístico-intelectuais presentes na produção de José Lins do Rego?

a relação era paternalista, assumindo Freyre o papel de mentor intelectual de José Lins do Rego. O próprio autor de “Menino do Engenho” assumia a influência das ideias e, sobretudo, da presença de Gilberto Freyre na sua vida.

Conheci Gilberto Freyre em 1923. [...] O que eu havia lido até aquele dia? Quase nada. Talvez que nem um livro sério do princípio ao fim. Lera o grande Eça de Queiroz. Mas escrevia por instinto contos e crônicas. E João do Rio com a sua simplicidade de escrever me entusiasmara. Lima Barreto também. Gilberto Freyre pediu-me para ler os meus retalhos de jornal. Leu as crônicas, os contos, e criticou-os, falando-me de alguns com interesse. Havia nos meus modos de dizer qualquer coisa que o interessava. E a minha aprendizagem com o mestre da minha idade se iniciava sem que eu sentisse as lições (p.49-50)²².

O chocante depoimento reitera que a relação entre José Lins e seu conterrâneo Gilberto Freyre era centrada nas vontades deste, a ponto de se notar, no início da carreira de Rego, uma obsessão quase doentia por “ser” Gilberto Freyre. Ao pesquisar os romances de José Lins, CASTELLO⁶ acentua que esse “encantamento” e

submissão a Gilberto Freyre - e o respectivo exercício de dominação da parte deste - eram muito comuns. Portanto, José Lins não era o único que declarava o exacerbado respeito ao ensaísta. Gilberto Freyre, com a sua personalidade ativa, integração com círculos intelectuais diversos e criativas ideias sociológicas sobre a integração racial no Brasil, exatamente em um período político que favorecia tal discussão, fazia com que as suas teorias galgassem rápida aceitação, influenciando a produção acadêmica e literária no país (p.39-51)²⁵.

Porém, mesmo Freyre exercendo forte influência em José Lins, a admiração era recíproca. Gilberto Freyre escreveu dezenas de artigos em jornais do Recife sobre o amigo, bem como alguns textos analisando a sua obra⁸. Pensando nesse vínculo interdependente, Leonardo Pereira, no prefácio do livro “O Descobrimiento do Futebol”, de Bernardo Borges Buarque de Hollanda, afirma acreditar que a aproximação de Zé Lins em relação ao futebol se deu devido à necessidade de expor aos populares uma concepção de nacionalidade que há anos vinha sendo formulada, a partir da coesa criação de Freyre¹¹. Sem dúvida, um dos textos mais sentimentais e comoventes foi publicado logo após o falecimento de José Lins do Rego. Com pesar, Freyre se manifestava, inclusive assumindo seu exercício de poder sobre o autor de “Bangüê”.

A notícia da morte de José Lins do Rego chega-me aos ouvidos como o mais brutal dos absurdos. Nunca me pareceu que ele pudesse ser senão vida. Transbordamento de vida. De modo que não consigo imaginá-lo morto. Morto como qualquer outro homem. Morto do fígado e dos rins num quarto de hospital.

[...] Sei que influi e muito sobre ele: e ninguém o confessou mais insistentemente do que o próprio José Lins em palavras, em cartas íntimas, em artigos: o que se disser em contrario será vã ou inócua tolice. Mas sei também que fui influenciado por ele e que sem sua compreensão e afeto eu dificilmente teria vencido [...]²⁶.

Também o jornalista proprietário do *Jornal dos Sports* se tornaria um constante interlocutor nos textos do escritor nordestino: “Queria saber Mário Filho do comportamento do Rio Branco em relação a nossa derrota de domingo” (p.39)^{8, t}. Ou como neste outro exemplo: “Hoje, ao chegar à redação do Jornal dos Sports, Mário Filho parecia um Papai Noel sem barbas [...] Era que Mário Filho conseguira, em sua vida de jornalista, a sua maior vitória” (p.46)^{8, u}.

Tratava-se de respeito e admiração mútuos, pois, Mário Filho também dialogava com Zé Lins em suas crônicas. Como neste caso, em que brincava com a

paixão clubística do amigo: “Uma vez o Flamengo estava ganhando de 4 x 0 e faltava um minuto para acabar o jogo e Zé Lins do Rego, de boca amarga, angustiado, desapertando o colarinho para respirar não melhor, apenas um pouco, me perguntou se o perigo tinha passado” (p.144)^{21, v}.

Possivelmente, tenha sido Zé Lins o responsável por apresentar Freyre a Mário Filho, e aí, novamente, pode-se observar a influência de Gilberto Freyre no meio intelectual, pois Mário Filho, em se tratando de futebol, passou a ser o maior adepto e reforçador da teoria da brasilidade (p.13-50)²⁷. Explicitando esse vínculo interdependente, José Lins do Rego tornaria público em uma de suas crônicas o interesse de Freyre em relação aos escritos de Mário Filho, bem como a função de tais escritos como reforço da teoria sobre o homem brasileiro.

Mário Filho continua com seu magnífico ensaio sobre o negro no futebol. E para muita gente escapa a importância que esse trabalho representa para uma interpretação do Brasil de 1900. Sei que Gilberto Freyre, que prepara o seu terceiro volume da história social do Brasil, o seu *Ordem e Progresso*, já tomou para avaliação as investigações de Mário Filho.

O Brasil que saíra da liberdade dos escravos sofrera, na sua vida econômica, golpes que quase o conduziram à falência.

Mas o que ficara na sociedade da chaga do cativo não seria curado só com palavras e boa vontade. A fraternidade de raças encontraria terríveis empecilhos para a sua verdadeira realidade. O futebol seria no caso seu elemento de ação eficaz. E é o que Mário Filho nos revela (p.55)^{8, w}.

Tais relacionamentos podem ser entendidos como microrrelações de força¹, pois, por menores que fossem, ganhavam importância em um cenário social mais amplo, já que eram expostos em um canal de debate aberto, no qual o leitor - muitas vezes um sujeito passivo observando a retórica - acabava por aceitar os argumentos de um ou outro literato, passando, consequentemente, a ser um potencial divulgador de ideias.

Neste sentido, é necessário o ajuste da escala de análise, pois, em alguns momentos, se observadas à longa distância, as microrrelações de força poderiam passar despercebidas. Juntar estas grandes e pequenas peças, para a composição de um cenário mais amplo, é fundamental para a compreensão de como os literatos, enquanto geradores de arte, não tinham uma liberdade criativa tão acentuada quanto é sugerido por alguns críticos de arte²⁸; e que tampouco estavam isentos das influências da sociedade em que viviam, da sua história de vida e da sua própria personalidade.

Assim, um intrincado contexto intelectual, especificamente no campo literário, iria demonstrar que posicionamentos pessoais, afetivos e características artísticas muito influiriam na recorrência de determinados temas na crônica esportiva e, conseqüentemente, do estabelecimento do debate entre os literatos brasileiros. A crônica passa a ser entendida, então, como “[...] uma base para as lutas simbólicas pelo poder de produzir e impor a visão do mundo legítima” (p.161)²⁹. E José Lins do Rego não foge à regra.

As crônicas de José Lins, permeadas pela racionalidade e pela paixão, exerceram funções múltiplas em se tratando do convívio com a intelectualidade brasileira. A principal delas se refere à reverberação do discurso de Gilberto Freyre, acerca da identidade nacional vinculada ao futebol. Mais do que expor sua própria literalidade, José Lins possivelmente intentava reforçar e disseminar o ideal predominante em seu grupo de convívio, possivelmente por conta da influência dessas relações de poder em seu ideal de literato.

Notas

- a. Sobre o movimento artístico/literário, é esmiuçado que: “O movimento do Recife, regionalista e tradicionalista, estudado do ponto de vista de nossa história literária, representa rigorosamente uma reafirmação crítica de fundamento sociológico, voltada sobretudo para a criação artística em geral e para o melhor conhecimento do Brasil através de suas diferenças e semelhanças regionais. [...]. O reconhecimento dessa filiação, ao que nos parece, não só valoriza histórica e culturalmente a tendência nascida com as idéias de Gilberto Freyre e o movimento do Recife como sobretudo favorece a explicação da obra de José Lins do Rego e da de outros romancistas modernos do Nordeste” (p.141-2)⁶.
- b. CASTELLO⁶ afirma que, na primeira obra, “Menino do Engenho”, José Lins não tinha inicialmente a intenção de escrever um romance, mas sim, de apenas construir uma biografia do seu próprio avô, ou seja, a vida do patriarca do engenho no período do ciclo do açúcar. Desta forma, mesmo que “Casa-Grande & Senzala” tenha sido publicada um ano depois, é notória a influência de Freyre em José Lins; assim como é bem possível que Freyre tenha se pautado em alguns momentos na memória que José Lins tinha da infância no engenho.
- c. Atualmente, no início do século XXI, a referida editora ainda é a detentora dos direitos autorais da obra de José Lins do Rego. E constantemente novas edições das suas obras são lançadas.
- d. Originalmente em: Volta a crônica. *Jornal dos Sports*. 7 mar. 1945.
- e. José Lins chegou a ser diretor do Conselho Nacional de Desportos (CND) e da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), bem como secretário-executivo do próprio Flamengo (p.79)¹⁰.
- f. Originalmente em: Os patriotas alarmados. *Jornal dos Sports*. 15 jan. 1946.
- g. Originalmente em: Anistia. *Jornal dos Sports*. 19 abr. 1945.
- h. Como ao enaltecer João Lira Filho⁸ (p.28 - originalmente em: Queremos Lira Filho. *Jornal dos Sports*. 9 mar. 1945) ou ao criticar alguns vereadores que tinham dado um parecer contrário ao incentivo governamental para a construção de um estádio para o Flamengo⁸ (p.87 - originalmente em: O estádio. *Jornal dos Sports*. 14 ago. 1947)⁸.
- i. Referia-se às borboletas azuis, descritas em uma das obras de Casimiro de Abreu.
- j. Originalmente em: O cronista, as borboletas e os urubus. *Jornal dos Sports*. 5 mai. 1945.
- k. Originalmente em: Só existe o Vasco. *Jornal dos Sports*. 25 jun. 1946.
- l. Originalmente em: O Flamengo e as candidaturas. *Jornal dos Sports*. 27 nov. 1945.
- m. Originalmente em: Servir ao Flamengo é servir ao Brasil. *Jornal dos Sports*. 20 set. 1946.
- n. Originalmente em: O Flamengo não é racista. *Jornal dos Sports*. 1 abr. 1948.
- o. Originalmente em: O América. *Jornal dos Sports*. 9 abr. 1948.
- p. Devido ao protesto dos outros clubes da cidade, a ideia do governo financiar a construção de um estádio para o Flamengo foi abandonada, sendo implementado um novo plano, a construção de um grande estádio municipal que iria servir ao interesse de todos os clubes da cidade.
- q. Originalmente em: O engenheiro João Carlos Vital uma boa escolha. *Jornal dos Sports*. 26 abr. 1951.
- r. Originalmente em: O aliciador. *Jornal dos Sports*. 25 abr. 1957.
- s. No portal da internet Biblioteca Virtual Gilberto Freyre (<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br>), criada pela Fundação Gilberto Freyre, existe vasto material sobre a produção do autor. No que concerne a relação do ensaísta com os cronistas esportivos, foram encontradas algumas crônicas escritas pelo próprio Freyre citando os amigos ou analisando suas obras. Especialmente a respeito de José Lins do Rego, é disponibilizado um considerável material iconográfico mostrando a proximidade entre ambos.

- t. Originalmente em: O espírito do Rio Branco. *Jornal dos Sports*. 29 ago. 1945.
- u. Originalmente: A alegria de um Papai Noel. *Jornal dos Sports*. 16 jun. 1946.
- v. Originalmente em: Rivalidade hemiplégica. *Jornal dos Sports*. 16 fev. 1957.
- w. Originalmente em: O futebol como agente social. *Jornal dos Sports*. 16 jun. 1946.

Abstract

José Lins do Rego's sports chronicles: politics, passion and power relationships

Two major aspects of Jose Lins do Rego's chronicles were the reference to soccer and the establishment of a dialogue (or discussion) with his intellectual circle. The influence of Gilberto Freyre and Mario Filho were the most prominent ones, but Rego had many other dialogic counterparts. Thus, this paper aims to understand José Lins do Rego's stand in his sports chronicles at the same time it sheds light on the exchange of ideas within the Brazilian intelligentsia. Ultimately, we conclude that José Lins' chronicles, full of rationality and passion, have played multiple roles when related to the Brazilian intellectual production.

KEY WORDS: Jose Lins do Rego; Brazilian literature; Soccer; National identity.

Referências

1. Elias, N. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70; 1980.
2. Capraro AM. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX [tese]*. Curitiba (PR): Universidade Federal do Paraná, Departamento de História; 2007.
3. Melo VA. Garrincha x Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2006;20:281-95.
4. Costa LM. Notícias esportivas: entre o jornalismo e a literatura. XIII Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística - SILEL; 23-25 nov. 2011; Uberlândia, BR. Uberlândia: EDUFU; 2011. vol.2, n.2. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/1516.pdf>.
5. Santos N. *Freud explicaria isso? Os sentimentos e ressentimentos do futebol em Nelson Rodrigues [dissertação]*. Curitiba (PR): Universidade Federal do Paraná, Departamento de História; 2012.
6. Castello JA. *Modernismo e regionalismo*. São Paulo: Edart; 1961.
7. Academia Brasileira de Letras. José Lins do Rego. Rio de Janeiro: ABL. [citado 8 fev. 2005]. Disponível em: www.academia.org.br.
8. Rego JL. *O Flamengo é puro amor*. Rio de Janeiro: José Olympio; 2002.
9. Bosi A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix; 1994.
10. Antunes FMRF. "Com brasileiro não há quem possa": futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP; 2004.
11. Holanda BBB. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional; 2004.
12. Soares E. *A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus; 1994.
13. Candido A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Quero; 2000.
14. D'Araujo MC. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2000.
15. Castro R. *O vermelho e o negro: pequena grande história do Flamengo*. São Paulo: DBA; 2001.
16. Orlandi E. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes; 2001.
17. Fundação Casa de Rui Barbosa. Setor de Filologia, organizador. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; 1992.
18. Napolitano M. *Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto; 2004.

19. Castro R. O anjo pornográfico. São Paulo: Companhia das Letras; 1992.
20. Ginzburg C. Mitos emblemas sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras; 1996.
21. Rodrigues Filho M. O negro no futebol brasileiro. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1964.
22. Rego JL. O cravo de Mozart: crônicas e ensaios. Rio de Janeiro: José Olympio; 2004.
23. Ginzburg C. Relações de força: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras; 2000.
24. Ginzburg C. Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Companhia das Letras; 2004.
25. Chiappini L; Bresciani MS. Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras. São Paulo: Cortez; 2002.
26. Freyre G. José Lins do Rego. Diário de Pernambuco. 15 set. 1957. [citado 27 jul. 2004]. Disponível em: http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/jose_lins.htm.
27. Helal R, Soares AJ, Lovisolo H. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad; 2001.
28. Panofsky E. O significado nas artes visuais. Lisboa: Presença; 1989.
329. Bourdieu P. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense; 2004.

ENDEREÇO

André Mendes Capraro
Departamento de Educação Física
Setor de Ciências Biológicas
Universidade Federal do Paraná
R. Coração de Maria, 92 - BR 116 km 95
80215-370 - Curitiba - PR - BRASIL
e-mail: andrecapraro@onda.com.br

Recebido para publicação: 14/10/2013

1a. revisão: 08/12/2014

2a. revisão: 12/03/2015

Aceito: 15/03/2015